

O CONDUTOR VOLTOU!

2

Capes

A regulamentação do ensino superior

Qual a situação atual daqueles que optaram pela vida acadêmica? E por que muitas vezes a falta de um maior envolvimento dos professores com sua função de educador não foi uma opção tomada livre de pressões externas.

4

“Entre aspas”

As frases mais inspiradoras e os momentos de maior inspiração de um politécnico.

5

Entrevista com

Guido Stolfi

Ex-politécnico, antigo cartunista d'O Condutor e hoje professor da escola, Guido Stolfi conta um pouco da vida de politécnico de sua época e dá sua opnião sobre os politécnicos de hoje.

INDUTOR

8

Festivais na historia da música

O que você precisa saber de como a música já definiu não só um passatempo, mas sim um estilo de vida.



13

Programação Cultural

Para aqueles que querem fugir um pouco do clima da Usp e da Poli, O Condutor preparou uma programação especial pra você leitor.

Com o mesmo comprometimento de sempre com a vida acadêmica de todos os politécnicos e com o mesmo compromisso em informar e melhor integrar a comunidade politécnica O Condutor volta com muito mais do mesmo. Pag. 1.



11

Um mundo além das derivadas e integrais

A matéria que revela que a Escola Politécnica tem a ver com muito mais que apenas estudos e como enriquecer sua experiência na graduação.

CULT

Coluna aberta para aqueles dispostos a mostrar que é possível ter uma veia de escritor mesmo estando na área técnica. As melhores poesias, crônicas e histórias revelando o lado direito do cérebro de um politécnico. Pag. 14.

ISOLANTE

Os melhores passatempos para a descontração do leitor. Aqui você encontrará palavras-cruzadas, sudokus e muito mais. Pag.16.

Editorial

Saudações meus caros políticos! Finalmente estamos de volta! Depois de uma breve parada de míseros 4 anos (o que são 4 anos pra quem pretende passar 9 ou mais na poli...) conseguimos voltar com nosso querido periódico. Depois de inúmeras noites em claro escrevendo, editando, conseguimos trazer a você, meu caro jogador de tíbia, o supra sumo dos acontecimentos e novidades desse nosso mundo universitário.

Primeiramente gostaria de agradecer a essa equipe maravilhosa que transformou seu tempo livre em palavras para informar e entreter o nosso querido leitor. Fico muito feliz de ter encontrado colegas que se dispuseram a ajudar esse jornal de livre e espontânea vontade. É esse tipo de pessoa que sabemos que podemos contar. Apesar deste jornal ser uma produção independente, devo deixar claro que sem a ajuda do CEE nada disso seria possível.

Um dos objetivos do CONDUTOR é fazer você, graduando, refletir um pouco mais sobre alguns assuntos aqui abordados. Não só de piadas vive esse jornal. Também tratamos assuntos sérios e, até mesmo, polêmicos. Quem sabe será esse tipo de

conhecimento e reflexão que fará diferença no seu futuro como engenheiro, não é mesmo?

Por ultimo, mas não menos importante, venho pedir a você estudante, funcionário, professor e, até quem sabe, política, ajuda na confecção desse maravilhoso informativo! Isso mesmo, estamos precisando de ajuda para manter e ampliar esse arrojado projeto! Não se acanhe, pegue seu caderninho de ideias e compareça a uma de nossas reuniões ou fale com qualquer um de nossa equipe. Sua ajuda é muito importante.

Agora sem mais delongas deixarei vocês lerem essas matérias que acabaram de sair do forno. Leiam, releiam, contem aos amigos, familiares e a quem mais quiserem. Espero que todos se divirtam e, principalmente, consigam agregar alguma coisa! Um grande abraço à todos.

Um agradecimento especial para os professores Guido Stolfi e Flávio Ciparrone pela colaboração e apoio ao retorno do jornal.

Rafael Augusto Brandão

EQUIPE O CONDUTOR 2012



CONDUTOR

Editor chefe: Rafael Augusto Brandão

Revisor: Vinícius Souza

Diagramador: Yves Antonio Brandes
Costa Barbosa

Colaboradores Flávio Ciparrone
da Edição: Guido Stolfi

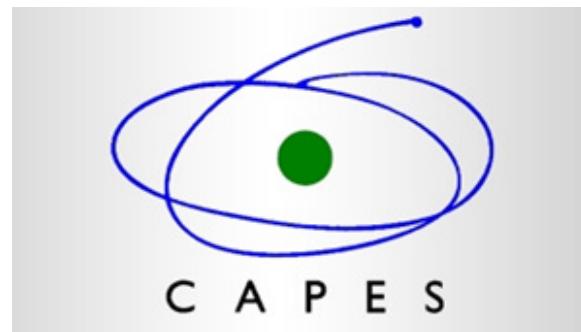
O Condutor é um espaço livre para opiniões e pensamentos de alunos e professores. A responsabilidade pelo conteúdo é do autor e dos artigos que caem sobre os autores dos textos.



CAPES

A regulamentação do ensino superior

Por Vittória Bitton e Vinícius Souza Almeida Santos



“‘Publicar ou perecer’ não é uma ameaça apenas aos professores, sua interpretação real é ‘Publicar, e perecer os alunos’. Esta foi uma frase utilizada por Morris Kline, um reconhecido matemático americano. Ele a colocou em um de seus livros, cuja publicação remete ao ano de 1977, uma data bastante antiga, no entanto essa frase continua representando muito bem os caminhos que permeiam os rumos da educação mundial, destacando-se principalmente a situação brasileira.

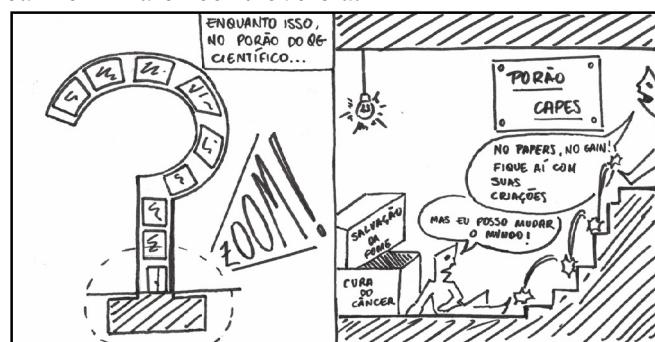
O FATO

Já há algum tempo, o ensino superior no Brasil vêm sendo moldado conforme os direcionamentos apresentados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, conhecida por CAPES. É dito o ensino superior como um todo pelo fato desses direcionamentos incidirem sobretudo no corpo docente que compõe as universidades brasileiras, influenciando efetivamente a maneira de atuação deste grupo, acarretando reflexos, em grande parte negativos, tanto na graduação quanto na pós-graduação.

Mas quais são esses direcionamentos? Qual o real papel da CAPES nesse cenário? Afinal, o que realmente está acontecendo?

Como é colocado na própria página da CAPES, esta organização “desempenha papel fundamental na expansão e consolidação da pós-graduação stricto sensu (mestrado e doutorado) em todos os estados da Federação.” De uma maneira mais simples, a CAPES é responsável pela elaboração de parâmetros e aplicação destes na avaliação de teses e artigos científicos, bem como do curso de pós-graduação como um todo, além ainda de promover o acesso e a divulgação da produção científica, promoção de cooperação internacional, dentre outras funções.

O que se destaca e que é enfoque principal do problema tratado remete aos critérios de avaliação adotados pela CAPES. Para exemplificar, vamos apresentar a maneira pela qual foi avaliada cursos de pós-graduação na área de ciências biológicas, no triênio de 2004-2007, destacando os parâmetros que implicam em maior controvérsia.



NOTA 2

- Cerca de 30% dos docentes do Núcleo Permanente não envolvidos com atividades de pesquisa previstas no programa;
- Menos de 50% dos docentes do Núcleo Permanente com 3 produtos Qualis A publicados no triênio.

NOTA 3

- Distribuição relativamente homogênea da orientação acadêmica entre os docentes;
- Pelo menos 60% dos docentes do Núcleo Permanente deverão publicar 3 produtos Qualis A no triênio.

NOTA 3

- Produção intelectual existente e de bom nível, com pelo menos 70% da produção distribuída de forma relativamente homogênea entre os docentes do Núcleo Permanente;
- 70% do Núcleo Permanente com 3 produtos Qualis A no triênio.

NOTA 5

- Estrutura curricular adequada, com ementas atualizadas, oferta temporal regular e desejável participação de professores visitantes na oferta regular de tópicos avançados;
- 80% do Núcleo Permanente com 3 produtos Qualis A no triênio.

NOTA 6

- Produção científica internacional destacada;
- Participação de cerca de 30% dos docentes do Núcleo Permanente em atividades científicas internacionais, incluindo consultorias a revistas, revisão de projetos para agências, bancas, obtenção de recursos internacionais, docência em cursos, orientações de alunos (co-tutelas), entre outros;

NOTA 7

- Envolvimento mais forte com o nível de doutorado do que com o mestrado;
- Envolvimento evidente e manifesto com intercâmbios internacionais, incluindo intercâmbio com países desenvolvidos;
- 80% do Núcleo Permanente com 3 produtos Qualis A no triênio.

Qualis, colocado nos critérios, é o procedimento utilizado pela CAPES para verificar e indicar o nível de produção intelectual dos programas de pós-graduação. Em sua escala, os artigos podem apresentar índices A1 (mais elevado), A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C (peso zero) a partir de parâmetros como citações em jornais e revistas científicas, citações em outros artigos durante um determinado período, entre outros. A partir do cumprimento dos parâmetros apresentados, cada curso obtém uma nota, esta que tem influência tanto na imagem das universidades como na dos próprios professores, influenciando diretamente a atuação de ambos.

O CRITÉRIO QUANTITATIVO E NÃO QUALITATIVO

De modo geral, os critérios da CAPES se mostram simplistas, mas o que é ainda mais relevante é o fator quantitativo ser mais forte que o qualitativo. Ou seja, basicamente, o que importa é o índice Qualis das publicações, fato que enfraquece a qualidade das publicações, haja vista seus parâmetros. Curva-se para a ideia de pesquisar para se publicar mais rapidamente e não necessariamente apresentar resultados relevantes e concisos.

Tal critério qualitativo desencadeia uma série de iniciativas por parte dos docentes/pesquisadores que querem maximizar o número de artigos publicados. Tais iniciativas, um tanto fraudulentas, como a 'Produção Salame' (dividir o resultado de um trabalho em algumas partes, publicando mais artigos), 'Máfia da Citação' (ao editar uma publicação, pedem que os autores citem trabalhos da própria revista para dar mais credibilidade), 'Clube da Coautoria' (colocam nomes de colegas como coautores dos seus artigos e eles retribuem a

"gentileza"), entre outros mecanismos. Obviamente, tal reação é natural destes, pois com essa estrutura feita pela CAPES, o jeito de conseguir mais recursos para fazer suas pesquisas e crescer na carreira, seja para promoção de cargos, seja por melhores salários, dependem desse critério quantitativo de papers publicados.

Além disso, não basta o número de publicações internas, considera-se ainda o número de publicações internacionais. Obviamente, o Brasil se encontra em um cenário diferente de países já pioneiros como Estados Unidos, Japão e Alemanha, por exemplo. Então, vem a reflexão: as publicações devem ser relevantes, mas para quem? Devem apenas, novamente, preencher esse critério quantitativo da CAPES e não obter resultados práticos para o desenvolvimento do Brasil? Nossa país realmente se encontra nesse nível de publicação? Podemos ignorar o intuito de crescimento nacional em nível de pesquisa? Porque é o que aparentemente está acontecendo: inúmeras publicações sem aplicações práticas, não significando que todas devam ser assim, mas para o dinheiro investido, a aplicação prática deveria ser um fato de peso no Brasil. É frequente também a pouca priorização de temas de importância para o país, caso estes não gerem publicação.

AS CONSEQUÊNCIAS NA GRADUAÇÃO E NA CARREIRA DO PROFESSOR

Analisando de uma perspectiva mais ampla: além do novo direcionamento do trabalho dos docentes, tais critérios da CAPES tem afetado a graduação. Por um lado, muitos pesquisadores/docentes que lecionam para a graduação acabam colocando este como segundo plano em sua carreira, já que não

leva ao crescimento profissional. Assim, muitas matérias na graduação acabam sendo mal dadas, desestimulando os alunos (principalmente na engenharia, e talvez isso seja um fato da evasão destes, preferindo atuar em mercado financeiro, por exemplo), resultando muitas vezes em aulas desatualizadas, não condizentes com realidade atual, marcada por constantes novidades.

Não só isso, há professores que são realmente devotados ao ensino da graduação, empenhados em melhorar esta, mas mesmo assim, acabam sem o devido reconhecimento. Escrever livros acaba por ser irrelevante na métrica atual. Ou seja, um dos pilares das universidades públicas: transmitir a melhor formação para os alunos acaba por se tornar um tanto irrelevante na carreira do docente. Sem contar que há obviamente professores que não se encaixam nessa métrica Qualis, mas claramente estão à frente das inovações atuais, principalmente para o desenvolvimento do Brasil, mas deixam de ocupar uma posição estratégica nas universidades por não seguirem a regra.

CENÁRIO INTERNACIONAL

O Brasil não esteve na vanguarda no processo de avaliação utilizado pela CAPES; como em outras áreas, o sistema seguiu as tendências internacionais, esquecendo-se, no entanto, que o nível educacional brasileiro, mesmo a nível superior, ainda não alcançou a estabilidade dos grandes países desenvolvidos. É claro que estes países podem também ser prejudicados de alguma forma, sendo que as críticas feitas anteriormente também podem recair

sobre eles, todavia o que há de se perceber é que o sistema referido prejudica principalmente a formação fundamental, a educação de base em um âmbito geral, setor dos países desenvolvidos que já é há bastante tempo trabalhado e fortalecido, situação bem diferente do sistema educacional brasileiro.

Porém, não é incomum encontrar atualmente membros da comunidade acadêmica no exterior tecendo críticas sobre o método de avaliação referido em seus respectivos países. Artigos como de Razvan Andonie e Ioan Dzitac intitulado “How to write a good paper in computer science and how will it be measured by ISI Web of knowledge”, e como de Ralph Keeney, Kelly See e Detlof von Winterfeldt intitulado “Evaluating Academic Programs: with applications to U.S. Graduate Decision Science Programs”, apresentam um pouco desse ponto de vista, caracterizando o caráter negativo do sistema vigente.

PERCEPÇÃO, OU MELHOR, NECESSIDADE

A partir do apresentado, torna-se claro que o sistema atual da CAPES para a pós-graduação tem grandes consequências para o direcionamento dos docentes e principalmente no ensino da graduação. Faz-se urgente à necessidade de se repensar as estruturas curriculares, criar mecanismos de medição do ensino para a graduação, equilibrar pesos entre a pesquisa e o ensino, e mais do que isso, ver quais são as verdadeiras necessidades do Brasil para propulsionar o desenvolvimento deste e colocá-lo na frente de inovações, como tem ocorrido com outros países emergentes.



“ENTRE ASPAS”

“Esqueci minhas batatas Smile no forno além do tempo recomendado e quando fui ver elas ainda estavam sorrindo - Puta lição de vida.”

“ ‘Dias melhores virão!’, e eles se chamam sextas, sábados, domingos e feriados.”

“Não trate como cano de pole dance quem te trata como barra de ônibus.”

“Quando uma música romântica começa fazer sentido é porque você já está fudido.”

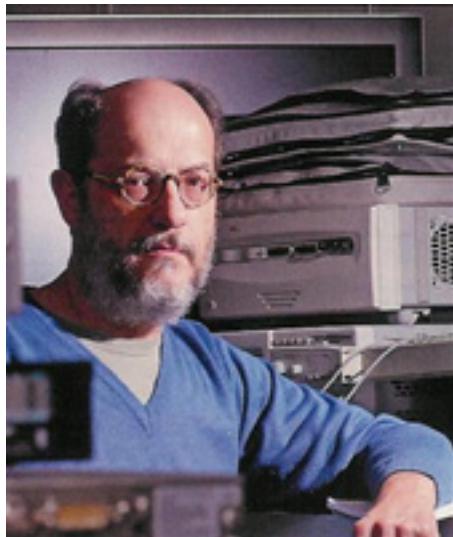
“Julgar os outros pelo gosto musical é ridículo. Coisa de pagodeiro.”

“A vingança é um prato que se quebra na cara da pessoa.”

ENTREVISTA COM GUIDO STOLFI

Por Maurício R. Habert e Vittória Bitton

Para marcar a volta triunfal do jornal Condutor aos saguões da Escola Politécnica, a equipe tentou conhecer melhor os seus antepassados e para isso pesquisou as antigas edições da década de 70 do jornal, época que foi criado na Poli. Ao remexer este baú com exemplares tataravós da atual edição descobrimos verdadeiros tesouros de humor nas histórias em quadrinhos e capas ilustradas do periódico. Entre um dos responsáveis por este trabalho, identificamos as histórias em quadrinhos do Gus, ou melhor, do Guido Stolfi, na época aluno da elétrica, e atual professor do Departamento de Controle e Telecomunicações! Assim, depois de quase 40 anos de Condutor, muitas mudanças na Poli e no Mundo, fomos atrás do Guido, para nos contar melhor sua opinião sobre a Poli daqueles tempos e a de hoje, o clima da época em que o Condutor nasceu (plena ditadura militar) e seu trabalho hoje na engenharia elétrica como professor.



Condutor: Como surgiu a ideia da criação do Condutor? Como você se integrou a ele?

Guido Stolfi: Ideia de fazer jornal existe sempre. Todo mundo tinha jornal na época. A primeira coisa que você faz quando entra numa universidade é querer expressar suas ideias, porque a pessoa sai do colégio, onde está aprendendo coisas e têm aquele monte de ideias na cabeça, querendo produzir, querendo criar alguma coisa. Na época o único meio, praticamente, de expressar ideias, e mais fácil, era o jornal. Teatro, música, essas coisas é só pra quem tem aptidão pra isso, né? Mas jornal é muito mais fácil.

C.: Você já desenhava em outras revistas e aí te convidaram para desenhar no Condutor, ou você participou do processo de criação do jornal?

G.S.: Eu comecei a desenhar nas apostilas do cursinho. Quando eu entrei na Poli, eu me interessei pelo jornal do Grêmio e aí me chamaram para participar. Então eu já participava do PoliCampus (Jornal do Grêmio da Poli) e aí depois comecei a desenhar para o Condutor.

C.: Vendo seu personagem “Huffe”, percebe-se que ele tinha uma série de questões filosóficas, existenciais... Muitas das quais são atuais... Como você fez para desenvolver o personagem? Eram dúvidas suas?

G.S.: Sim, eram questões bastante pessoais. Você vê que ele é um personagem que não é engajado claramente numa linha política, ele representa justamente a indecisão, a dúvida, que todo mundo tem nesta idade, nestas situações.

C.: Você citou um ponto importante, a questão da política. Foi um período conturbado para o Brasil...

G.S.: Foi um período conturbado, a gente tinha medo, realmente. Eu fazia desenhos no PoliCampus e também no Balão, e a gente fazia críticas pesadas. O medo deste risco era real. Tanto que outro dia eu estava lendo um livro sobre fatos que ocorreram na ditadura e acho nele duas fotos de capas que eu fiz para o PoliCampus, fichadas no DOPS, carimbadas. Esse pessoal ficava de olho e analisava, e minhas capas foram parar lá.

C.: Mas você chegou a ser perseguido?

G.S.: Não. As pessoas mais próximas perseguidas foram o presidente do grêmio, que na época foi preso, outras pessoas que eu conhecia que também foram presas, algumas sumiram, outras fugiram e depois voltaram. De um lado, a ditadura era uma força que oprimia e, por outro lado, havia as alternativas de resistência, mas que sofriam muitas desconfianças.

C.: Você desenhava junto com o Laerte, né?

G.S.: Sim, conheci o Laerte no Balão, os irmãos Caruso, o Luiz Gê.

C.: Continuando nesta linha... O movimento estudantil era muito forte aqui na Poli. Hoje esta configuração é diferente, a ditadura já acabou e os estudantes não têm que combater isto. Você acha que houve uma mudança de desafios ou que os estudantes realmente se “alienaram”?

G.S.: Olha, a gente olhando acha que os estudantes se alienaram, porque não tem mais um inimigo comum como existia naquela época. Agora voltou uma certa dose de individualismo, as pessoas pensam no mercado de trabalho, então, de certa forma, talvez inconscientemente, cada um de seus colegas é um concorrente, de modo que cada um procura maneiras de se destacar dos demais, fazendo as ações individualistas preponderarem sobre as ações coletivas.

C.: Não havia muito esse tipo de pensamento de concorrência no mercado de trabalho?

G.S.: Não, não havia. Era uma época que tinha espaço para todo mundo. Principalmente na área de engenharia. Na época que eu cursava, você se formava e, com dois meses de salário, você comprava um carro zero. Claro que sempre vinha um “crisezinha”, como agora que está voltando.

C.: Você acha que os politécnicos, especificamente na elétrica, eram mais unidos? Às vezes achamos que há uma falta de um centro acadêmico forte, que reúna os estudantes, como era na sua época?

G.S.: Naquela época, éramos muito unidos, tanto que algumas turmas pelas quais eu passei, digo passei porque eu entrei em 70 e fui sair em 80, fiquei 10 anos na Poli! (risadas) Mas algumas destas turmas se reúnem até hoje, todo mundo troca e-mails, se conhece. Naquele tempo, o pessoal era colega. Talvez

uma coisa que falte são atividades de convivência na área de engenharia. A gente costumava visitar hidrelétricas, realizava torneios esportivos contra o Mackenzie.

C.: É, essa parte dos torneios ainda existe, já as visitas... Continuando nessa linha, você fez uma capa para o PoliCampus, que tirava certo sarro da reforma universitária que estava acontecendo na Poli, expondo a forma superficial como esta reforma era aplicada. Olhando hoje, nós percebemos que algumas destas críticas a USP, a Poli, até a elétrica, se mantêm. Com uma visão de ex-aluno e professor, você acha que estas questões melhoraram, pioraram ou ficou tudo igual, em relação à universidade?



G.S.: Olha, se melhorou, melhorou muito menos do que podia. Temos dificuldades para melhorar as coisas. Por exemplo, na questão didática, temos um laboratório que faz 20 anos que estamos tentando reformulá-lo, mas não conseguimos verba. Depende da reitoria passar verba para a Poli, a Poli passar para o departamento, o departamento alocar os recursos para isso ou aquilo. Então estamos com equipamentos atrasados, que pifam e não conseguimos substituir. E outra coisa né...sei lá... faltam figuras. Naquele tempo você tinha professores que eram figuras, você lembrava das aulas deles, eram controvertidos.

C.: Hoje todo mundo muito certinho?

G.S.: Todo mundo muito certinho visando a produtividade acadêmica...

C.: O que você quer dizer com controvertidos, qual era a diferença?

G.S.: Eram professores ousados, que falavam coisas que abalavam. Um exemplo disso é o professor Vanechi, vocês já devem ter ouvido. Ele expunha as histórias de uma forma muito particular, muita gente não acreditava nas teorias dele, mas ele continua dando. Depois que foram ver que algumas das teorias dele eram muito certas.

C.: Você criou o primeiro sintetizador brasileiro, né? (Professor aponta para o dito, que estava em cima de seu armário na sala). Você primeiro associou ele com o Patinho Feio (primeiro computador brasileiro, desenvolvido na Poli-Elétrica), que tinha 8 bits de memória. Como era desenvolver este tipo de projeto rebuscado e que foi bem sucedido, mas com uma tecnologia limitada que o Brasil tinha, com o computador começando ainda?

G.S.: Bom, nós estávamos no lugar que tinha a melhor tecnologia disponível aqui no país. Isso foi uma circunstância particular. O que acompanhou a feitura disso aí, além do pessoal que trabalhava no Patinho Feio, era o fato de termos a disposição laboratórios com acesso muito livre. Então eu comecei a fazer estágio aqui, ficaram sabendo do meu interesse por música eletrônica e começamos a fazer um projeto nesta área. Eu vinha a Poli de segunda a segunda, ficava das dez da manhã até uma da madrugada, fazendo praticamente o que eu quisesse, o que me deu oportunidade de aprender um monte de coisas na prática.

C.: Você citou esta questão da liberdade do aluno poder desenvolver uma ideia nova, correr atrás dela... Qual o seu ponto de vista da postura dos alunos em relação a pesquisa?

G.S.: Eu acho que o aluno tem que grudar em algum professor que goste e se identifique e procurar conviver e extrair o máximo possível de experiência dele. Porque o professor aqui é o seguinte, ele dá a aula dele, mas enquanto isso tem um monte de outras preocupações. Para ele, a universidade é um terço aula, um terço pesquisa e um terço prestação de serviços à comunidade. E mesmo essa aula é metade graduação, metade pós-graduação. Então a cabeça do professor está às vezes para outras coisas, às vezes você vê o cara dando uma aula chata, mas fora da aula ele está fazendo uma pesquisa ou projeto que é muito mais interessante, mas que ele não tem uma aula específica para passar isso ao aluno.



C.: Muitos alunos ficam estudando e deixam de fazer uma iniciação, faz só estágio, se forma e deixa o mestrado para mais tarde... Como você acha que pode ser despertado o interesse do estudante?

G.S.: Não sei, porque isso depende muitas vezes da vocação da pessoa. Tem gente que não tem vocação para sentar na bancada e soldar fiozinho, sabe? Mas fica pensando em trabalhar de terno e gravata em um escritório com ar-condicionado. O conselho que a gente dá é procurar sempre fazer alguma coisa que você goste.

C.: Você falou que ficou bastante na Poli e participava do movimento estudantil, desenhava, estudava... Como você se organizava para fazer tudo isso?

G.S.: Então, no primeiro semestre passei em todas matérias, mas depois dei umas duas arrancadas lá pro final. Mas eu me lembro que tinha uma matéria, acho que era Álgebra Linear, que eu fiz cinco vezes! (risadas)

C.: Hoje você está bem envolvido no desenvolvimento da TV Digital. Existem muitos empecilhos para instalar a TV Digital, de fato, no Brasil?

G.S.: Não, empecilhos não existem mais. O sistema está definido, equipamentos já existem. Começa agora a demanda por equipamentos pequenos para atender as pequenas cidades. Os grandes transmissores das capitais já estão instalados, agora vai ter mercado para as pequenas instalações.

C.: Porque hoje o que as pessoas têm foi uma melhora da qualidade da imagem, o que já é bom, mas ainda há um grande potencial de interatividade que a TV Digital pode proporcionar. Você concorda?

G.S.: É, eu não acredito nesta interatividade. Se você pensar primeiro em termos de banda, a de um canal de TV é no máximo de 20 megabits/segundo; se você repartir esta banda por toda população de São Paulo, dá um bit/segundo para cada um. Então, você tem hoje um monte de outras alternativas, como o smartphone, que são bastante populares e que foram feitas para a interatividade. A TV foi feita para o entreteni-

mento, foi feita para iludir seus sentidos para que você mergulhe no espetáculo. Você vai assistir um filme, você quer esquecer de tudo e não ficar interagindo. Esta questão da interatividade foi uma das coisas que atrasaram, porque o que mais demorou para ser consolidado foram as especificações desta parte de interatividade, fazer os fabricantes entenderem como isso funciona. Têm questões de patentes também, um monte de detalhes.

C.: Então ainda têm desafios para melhorá-la?

G.S.: É, e você vai melhorar uma coisa que já está congelada. Hoje em dia, qualquer celular tem ferramentas de interatividade que você não precisa mais da TV Digital para isso. Em 92, a TV Alphaville queria fazer um serviço de acessar a conta bancária pela televisão. Eles compraram um sistema americano e eu fui para os EUA para resolver um problema da falta de sigilo do sistema. Quando eu cheguei lá, fizeram a apresentação falando “imagine que você está assistindo a novela e gostou do vestido da atriz, você aperta o botão do controle remoto e o compra”. Esta frase eu ouvi em 92 e ouço até hoje, mas não vi ninguém comprar nem uma caixa de fósforo usando a televisão!

C.: Mas você acredita que vai chegar uma hora todos estes dispositivos vão se aglutinar e você terá um aparelho com multifunções de tudo que existir?

G.S.: Não. Porque toda vez que se aglutina, se separa de novo. Este pensamento é mais ou menos assim: o liquidificador tem um motor e uma hélice, o venti-lador também tem um motor e uma hélice, máquina de lavar também. Então vamos fazer um negócio que

faz as três coisas! Você quer otimizar os recursos e faz algo com limitações. A experiência mostra que na hora que otimiza aqui, barateia aqui, mas surge outra coisa nova. Aí você quer otimizar com aquilo e surge outra coisa nova. Então existem forças convergentes e divergentes. Na hora que se unifica a TV com o computador, aparece um outro troço, aí unifica isto com o telefone e a televisão e aparece um dispositivo novo que vai grudado no olho. Isso nunca acaba.

C.: Voltando um pouco ao tema dos cartuns, hoje com a internet a criação de humor ficou muito mais acessível, você não precisa de um jornal, pode usar as redes sociais como meio de divulgação, existem os tais dos MEMES, também. Você que acha que este aumento da diversidade causou uma queda da qualidade do humor dos quadrinhos? Você ainda lê os quadrinhos?

G.S.: Eu leio, mas muito raramente. De certo modo foi banalizado. Do ponto de vista do desenhista, tem que resolver como ele vai viver disto. Uma certa época eu tive que escolher se eu ia desenhar quadrinhos ou mexer com eletrônica. A culpa disso foi do Laerte, porque eu levava três meses pra fazer uma historinha e ele cuspiu uma atrás da outra, ai eu pensei “se eu não dou pra isso, tenho que trabalhar com outra coisa”.



C.: Agora pra finalizar, a gente queria fazer um convite: você não gostaria de fazer um cartum para nossa reestreia do Conduitor? Ou você tá enferrujado no desenho? (risadas)

G.S.: Enferrujado eu não tô, o problema são as ideias.

(MÚSICA)

FESTIVAIS NA HISTÓRIA DA MÚSICA!

Por Vittória Bitton

A ideia de como surgiu um festival? Não sei ao certo, um grupo de pessoas querendo facilitar a vida da galera? Juntar aquelas bandas do mesmo estilo num lugar só? Brisa dos hippies? De qualquer maneira, os festivais ainda se mantêm firmes nos dias de hoje, seja para trazer grandes atrações até bandas menores e novos talentos. Incluindo vários gêneros, desde o bom e velho rock, heavy metal, jazz, blues, MPB, música erudita (acredite se quiser!), pop e por aí vai. Tentei juntar aqui um pequeno punhado dos festivais mais interessantes.

Newport Jazz Festival: criado em 1954 nos Estados Unidos, teve uma boa continuidade e repercussão nos anos seguintes. Juntou diversos cantores de jazz, blues e do clássico Rockabilly dos anos 50. Já se fez até mesmo filmes do festival, como Jazz on a Summer's Day que contou com a participação de feras como Billie Holiday, Ella Fitzgerald, John Coltrane, Miles Davis... (Para os fãs do gênero: mais alguém achou agora que nasceu na época errada?) Até mesmo Frank Sinatra participou na edição de 1965. Mas o festival não ficou só no jazz, teve participações dos gigantes do rock nas edições dos anos 70, como Jeff Beck, Ten Years After, Jethro Tull, Led Zeppelin e até mesmo a banda de rock sulista The Allman Brothers Band!... uffa. Para a curiosidade: performances notáveis podem ser encontradas no YouTube! Recomendo o solo de Miles Davis "Round Midnight" e a performance de Duke Ellington em "Diminuendo and Crescendo in Blue".



Monterey International Pop Festival: provavelmente o festival que foi eternizado por Jimi Hendrix (em sua primeira apresentação!) colocando fogo em sua guitarra (o tão famoso "guitar sacrifice"), ocorreu nos dias 16 a 18 de junho de 1967 novamente nos Estados Unidos. Acabou sendo documentado no filme D.A. Pennebaker, e é tomado hoje em dia como o primeiro grande festival de rock do mundo, contando com a presença de aproximadamente 90 mil pessoas (acima das expectativas, que eram de 55 mil). Contou com apresentações de Simon and Garfunkel, The Animals, Steve Miller Band, The Byrds, Buffalo Springfield, The Who (em sua primeira apresentação nos EUA também! Com a

plateia indo a loucura quando Pete Townshend

começou com a sua louvável quebra-deira de guitarra), Grateful Dead,

The Mamas & The Papas, a primeira grande aparição de Janis Joplin e por

aí vai. De novo, para a curiosidade, um refrão famoso do The Mamas and

The Papas foi usado inicialmente e es-

crita para promover o festival: "If you're

going to San Francisco/Be sure to wear

some flowers in your hair/If you're going

to San Francisco/You're gonna meet some

gentle people there", virando hit instantâ-

neo na época. Também teve as bandas que

foram notáveis pela sua ausência: The Beach

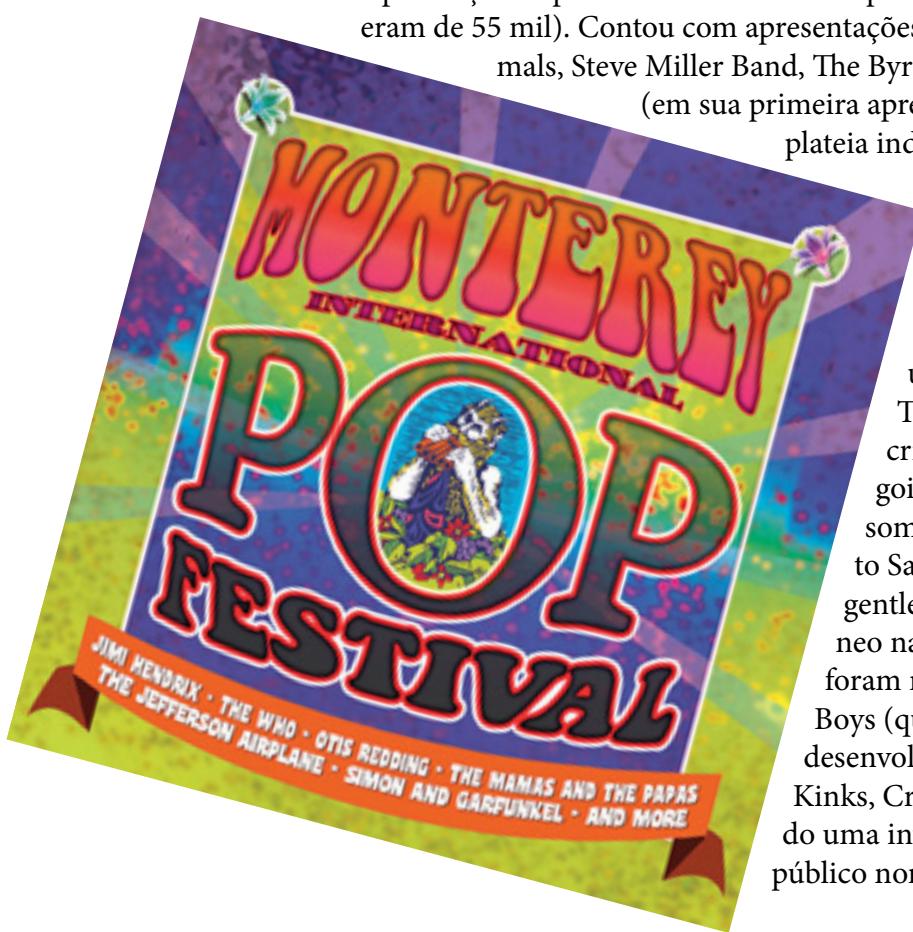
Boys (que originalmente estava envolvido no

desenvolvimento do festival), The Beatles, The

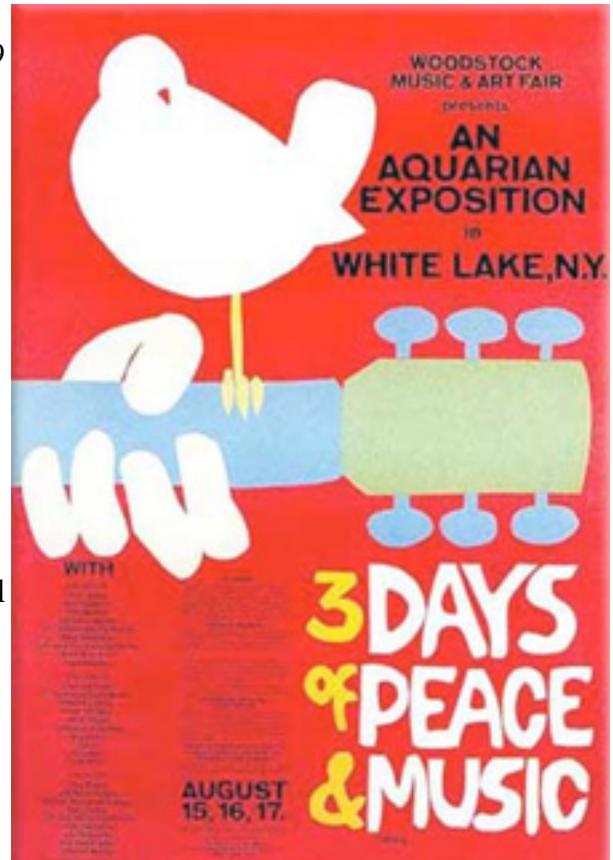
Kinks, Cream (os produtores estavam queren-

do uma introdução maior de Eric Clapton ao

público norte americano) e The Rolling Stones.

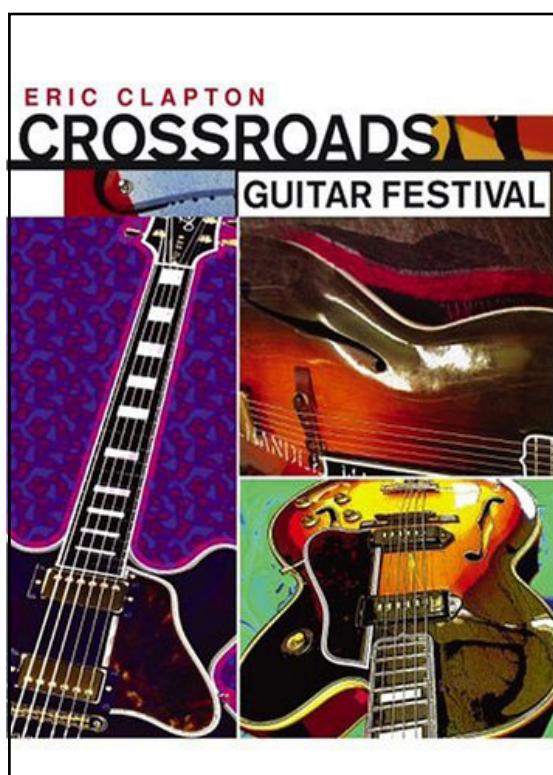


Woodstock Music & Art Fair (aeeee, finalmente): realizado de 15 a 17 de agosto de 1969 numa fazenda em Nova York com o lema “Uma Exposição Aquariana: 3 Dias de Paz & Música”, exemplificando a tônica da cultura hippie e do Flower Power. O festival superou expectativas e a estimativa de público que era de 200 mil pessoas, tornou-se na realidade 500 mil pessoas, o que levou ao chão as cercas do festival, tornando-o gratuito (a pequena cidade Bethel foi elevada a “área de calamidade pública”). Socialmente, o festival foi a melhor exemplificação do pacifismo e harmonia social, sem contar o uso desenfreado de drogas (o que resultou até em mortes por overdose de heroína) e um comportamento totalmente libertino da galera: pessoas sem tomar banho há dias, falta de banheiros...urgh, que beleza. À parte disso, voltando ao enfoque inicial, a música! Em termos musicais, esse festival foi excepcional e é um dos fatores que o torna tão aclamado até hoje. Contou com a presença de Ravi Shankar, Santana, Mountain, Grateful Dead, Creedence Clearwater Revival, Janis Joplin, The Who (que tocou só...25 músicas), Ten Years After, Joe Cocker, Jimi Hendrix e outros camaradas. Agora a parte legal: convites recusados (uh, seja por problemas políticos desde entrada nos EUA até prepotência das bandas): The



Beatles, The Doors, Led Zeppelin, Jethro Tull, The Byrds, Bob Dylan, etc. Outras edições comemorativas do Woodstock foram realizadas em 1994 e 1999 com bandas desde Metallica, Peter Gabriel e Limp Bizkit (a presença da última não fez muito jus à ideia de paz do festival, devido à galerinha revoltada “bora quebra essa porra toda” no evento).

Crossroads Guitar Festival: não só um concerto, mas também um evento benéfico (deveria ter incluído na lista o Live Aid então?) cuja primeira edição foi em 2004. Encabeçada por Eric Clapton, a arrecadação do festival vai para o Crossroads Centre que é um centro de tratamento de drogas. O evento já teve outras edições em 2004, 2007 e 2010 e a próxima será em 2013, todas em locais distintos dos Estados Unidos. Festival em que grande parte dos shows ocorre pela manhã, o evento já chega a ser considerado passeio familiar (ou encontro geriátrico, já que vão aqueles tiozões curtir um bom rock'n'blues). De qualquer maneira, o line-up deste festival contou com a presença de seres míticos como B. B. King, Buddy Guy, Eric Johnson, ZZ Top, Santana, Steve Vai, James Taylor, John Mayer, Jeff Beck...



Glastonbury Festival: um festival bastante conhecido atualmente que ocorre desde 1970. Já teve seu nome alterado algumas vezes, originalmente chamado de Pilton Festival por se localizar nesta cidade, na Inglaterra. Um fato interessante é que a maioria do staff do festival é voluntária, auxiliando este a arrecadar fundos para boas causas. Bastante influenciado pela ideia hippie, é um evento que acolhe bandas de rock, reggae, folk, hip hop, bem diversificado mesmo. Já contou com a presença de David Bowie, The Cure, Elvis Costello, R.E.M, Lenny Kravitz, Oasis, Radiohead, Blur, Paul McCartney, Beyoncé, Muse, U2, Neil Young... a lista é bem extensa.

Bom, são inúmeros os festivais que rolam por aí de diversos gêneros musicais, apresentando novos talentos, trazendo bandas já consagradas. Posso ter penado um pouco em deixar de lado festivais que ocorrem no Brasil. Talvez estaria chovendo no molhado citando Rock In Rio (não menos importante, ao contrário, sua primeira edição do Brasil foi um jeito de trazer e transmitir o rock internacional na América Latina), SWU, Lollapalooza (originalmente americano, criado pelo vocalista do Jane's Addiction), recentemente um festival de metal que ocorreu no Maranhão, o Metal Open Air, que foi tido como um fracasso, infelizmente. Além de outros não tão conhecidos (e também não tão divulgados), como o Festival de Música Popular Brasileira (que antigamente era transmitido pela televisão, e atualmente não foi feita outras versões do mesmo), o Bourbon Street Fest em São Paulo, que já chegou em 10 anos de evento, tem boa reputação e não peca na organização!

Agora, mudando um pouco o foco, se você estiver dando um passeiozinho na Bahia e gostar de aventuras, confira se vai ser na época do Festival de Música Erudita em Trancoso! Certamente outras edições ocorrerão, e na edição passada contou com a presença de orquestras juvenis e composições da Bossa Nova, por exemplo. Bem avaliado pela crítica, foi criado com a intenção de não só montar um grande e inédito festival de música clássica, mas também um evento de desenvolvimento e inserção social (o evento é gratuito).



UM MUNDO ALÉM DERIVADAS

E INTEGRAIS!

$\frac{\partial f}{\partial x}, \frac{\partial f}{\partial y}$

Por Maurício R. Habert

Um novo semestre está começando (desculpe, Sr. Leitor, a previsão de término dessa edição era para o início de Agosto) e uma nova fornada de matérias novas, ou nem tão novas para alguns, já preenchem em vermelho seu Júpiter Web. As aulas mal iniciaram e você já diz que está precisando de férias. Logo a rotina metrô-bulô-dodô (metrô-trabalho-dormir), como dizem os franceses, já está de volta ao seu cotidiano. Listas de cálculo por fazer, trabalhos por entregar e pensando bem a Semana de Provas não está tão longe... é, parece que é hora de entrar em desespero. Dizer adeus aos amigos, churrascos e festas e enfiar a cara nos livros até a bibliotecária não aguentar mais ver sua pessoa nas salas de estudo. Sim, meu caro leitor, salvo exceções dos gênios que não estudam e passam com média nove (todo mundo tem um amigo assim), este será o destino de muitos por alguns bons anos aqui na Poli.

Mas a questão é a seguinte: é possível transformar estes áridos semestres em algo mais interessante? Além disso, é possível arranjar tempo para conciliar as atividades acadêmicas com outras atividades extracurriculares?

O “Mal da Falta de Tempo” é um problema crônico que aflige muitos politécnicos. Sim, ele é real, mas muitas vezes aparenta ser maior do que realmente é, servindo sempre de argumento para justificar porque você desistiu de entrar para aquela equipe de robótica, aquele curso de astronomia ou nunca teve tempo para assistir a um filme nas salas de cinema do CINUSP. Se você também se diagnosticou como vítima do Mal da FT eu proponho a você um novo desafio, meu caro leitor, que comece este semestre de um jeito diferente. Teste dedicar uma parte do seu dia àquela atividade que você sempre quis fazer, mas sempre achou que não tinha tempo. Não deixe que a rotina politécnica

o acomode e retire seu espírito de transformação das coisas e de desenvolvimento de suas habilidades criativas. Invente novos mundos além das Integrais e Derivadas. Crie seu tempo e fuja das desculpas!

Com base neste desafio, sugerimos abaixo um pequeno guia com algumas das atividades e atrações existentes na Poli e na USP, para todos os gostos e disponibilidades de tempo.

- (1)** AMUDI: Grupo de Arte e Tecnologia da Poli, desenvolvem obras de arte moderna a partir da eletrônica e computação.
Veja o vídeo que expõe a obra *feelMe* desenvolvida pelo grupo e exposta na Feira de Linguagem Eletrônica : www.youtube.com/watch?v=S2sNPecxwkI&feature=relmfu.
Página web: www.facebook.com/grupoamudi
- (2)** GTP: Grupo de Teatro da Poli, aberto para alunos, localizado no andar térreo do Biênio, próximo ao Xerox. Composto por seis Núcleos (amarelo, laranja, azul, vermelho, verde e preto), cada qual proporcionando um diferente enfoque teatral. Apresentam em média duas peças por ano.
Página web: www.gremio.poli.usp.br/gtp
- (3)** CURSOS DE ASTRONOMIA DO IAG: Periodicamente, o departamento de Astronomia oferece cursos extensivos de Introdução à Astronomia e à Astrofísica. Divulgam as informações três meses antes do início dos cursos. Fique atento as informações no Site!
Página Web: www.astro.iag.usp.br
- (4)** THUNDERATZ: Grupo de Robótica da Poli que desenvolve robôs que serão postos à prova contra outros robôs em eventos como o Winter Challenge e o Eneca.
Página Web: thunderatz.org
- (5)** POLIJR: Empresa Júnior, proporciona experiências de atuação em execução de projetos de engenharia, gerenciamento de equipes e gestão de recursos humanos e financeiros. Fique atento para processos de inscrição para o segundo semestre!
Página Web: www.polijr.com.br
- (6)** KEEPFLYING: Equipe de Aerodesign da Poli, com a finalidade de participar da competição SAE BRASIL AeroDesign projetam, constroem e voam aeronaves rádio-controladas cargueiras capazes de transportar a maior carga possível.
Página Web: www.polikf.com.br
- (7)** CURSOS DE ESPORTE DO CEPEUSP: O Centro de Práticas Esportivas da USP oferece cursos de mais de 20 modalidades para a comunidade USP, desde futebol e basquete até remo e badminton. Processos de Inscrição: comparecer no primeiro dia de aula e levar documentação necessária até a sala 8 do velódromo.
Página Web: www.cepe.usp.br
- (8)** BAJA: Equipe de Baja da Poli que tem o objetivo de projetar, construir, testar, promover e competir com um veículo *offroad* que é submetido a competições entre outras faculdades. Fique atento para o processo de inscrição do segundo semestre!
Página Web: www.equipepoli.com.br
- (9)** ESCRITÓRIO PILOTO: Laboratório Interdisciplinar de Extensão Universitária da Poli, a partir do conhecimento de engenharia aprendido na faculdade desenvolve projetos de cunho social e ambiental em conjunto com a sociedade de baixa renda.
Página Web: escritoriopiloto.org
- (10)** JORNAL CONDUTOR: Sim, caro leitor! Apesar da grande disputa por vagas na equipe de trabalho do Condutor, sempre abrimos uma brecha para aquele que estiver interessado em ceder suas habilidades (vá lá...pode ser somente interesse mesmo) em escrita, diagramação e desenho para nosso renomado jornal da elétrica. Apareça este semestre no CEE e informe-se sobre as reuniões do Condutor!
Página Web: www.cee.poli.usp.br/?a=condutor

Obs.: Para saber sobre todos os cursos e atividades que estão rolando na USP dê uma olhada na página de Cursos de Extensão no site da USP. Página Web: uspdigital.usp.br/apolo/apoExtensaoCurso

PROGRAMAÇÃO CULTURAL

Por Vittória Bitton

THE CLOCK ROCK BAR: Um lugar bem temático, onde as pessoas também vão tematicamente vestidas, o que se torna uma imersão aos anos 50/60! Pois é, The Clock é um bar Rockabilly, que contém inclusive workshops de dança (nunca é tarde para aprender). Também é um espaço interessante para comemorar festas de aniversário ou só juntar os amigos, perder a vergonha e sair dançando na sua melhor encarnação de Elvis Presley!

Local: Rua Turiassu, 806 - Barra Funda, São Paulo. / www.theclock.com.br

Contato: (11) 3672-0845



JAZZ NOS FUNDOS: Uma casa que conta semanalmente com uma programação excelente de música, presença óbvia de bandas de jazz, MPB e dependendo do dia há até uma atração internacional! Inspirada nas casas de "jazz em porão", escondidos dos EUA, tornando-se um espaço de apreciação e propagação da boa música instrumental! Conta com workshop para músicos!

Local: Rua João Moura, 1076, Pinheiros. www.jazznosfundos.net

Contato: (11) 3083-5975

MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA: Obrigação de qualquer paulista conhecer e acompanhar este espaço! Contém sempre uma agenda interessante e diversificada. Suponho que não preciso me alongar mais na descrição.

Local: Av. Auro Soares de Moura Andrade, 664. www.memorial.org.br

Contato: (11) 3823-4600



X-CARET BAR: Se você estiver mais aberto a novos estilos musicais e a fim de mexer o seu corpo, então nada melhor do que uma casa para você poder dançar salsa, merengue e outros ritmos latinos! Não sabe dançar? Não tem problema! Só conferir a programação do lugar e ver os dias que tem workshop de dança! Têm dias que também há Stand Up Comedy, além do local apresentar um cardápio variado, inclusive pratos típicos mexicanos.

Local: Al. Dos Pamaris, 42 - Moema.
www.xcaretbar.com.br

Contato: (11)3569-7930.



Reserva Cultural: com um rol de filmes estrangeiros menos divulgados (o famoso “cult”), mas não por isso ruins; pelo contrário, em geral, é um bom lugar para encontrar filmes franceses, até mesmo russos que não se encontram por aí na maioria das salas de cinema. Um ambiente agradável com um pequeno restaurante e livraria. Além disso, conta com um teatro ao lado que constantemente apresenta excelentes produções!

Local: Avenida Paulista, 900, térreo baixo.
www.reservacultural.com.br

Contato: (11)3287-3529

Os Retornos

Por Vinícius Souza Almeida Santos

Não são todos os dias que retornos acontecem. Será? Será que não somos nós que não percebemos quantas coisas voltam a todo momento? Às vezes, nós nos acostumamos com a vida e acabamos passando por cima dos retornos singelos.

Normalmente, temos em mente apenas retornos faraônicos, grandiosos, desses que merecem cobertura televisiva e tudo mais. Mobilizações de massa, comoções intensas, ansiedade de multidões... Um atleta campeão merece todos os louvores e exaltações possíveis para tão grande feito, bem como um criminoso extremamente vil merece o escárnio geral de todos os indivíduos que o puderem fazer. A ditadura não se estendeu sobre minha história, no entanto imagino como fora o retorno de exilados políticos ou mesmo de desaparecidos, há tanto separados daqueles por quem arriscaram as vidas. Indo mais além, como expressar o retorno de uma guerra? Ou ainda, de uma Grande Guerra? Como encontrar o limiar dos sentimentos de um soldado, que faz da arma seu escudo, e de seus próximos, que condenam angustiados essa criação dos homens? Sentimentos assim promovem momentos como o acontecido ao lado, uma foto histórica, que resume em si a alegria pelo fim da II Guerra Mundial, um beijo

ELECRÔNICA

entre desconhecidos celebrando apenas a volta da fé.

Mas o que seria da vida caso não existissem os “pequeninos” retornos que ocorrem todos os dias, esses que só precisam de um indivíduo querido e de um coração aflito para acontecerem, ou, de maneira geral, do mais ínfimo brilho de esperança. Não se dimensiona em números o olhar de uma criança ao ver seu pai ou sua mãe chegarem mesmo depois de muito tempo esperar, ou então de uma mãe que aflita se resigna em uma ansiedade infinda enquanto aguarda o retorno de um filho, fazendo uma reza silenciosa para que ele volte como fora todos os outros dias. E por que não esperar o retorno de um sorriso? Seja de um estranho a quem se fez alguma gentileza, seja da pessoa amada a quem se ama calado, como diria a música; o retorno de um sorriso que faça ao menos valer ter acordado aquele dia.

Os retornos mais silenciosos são os maiores agentes do mundo. Para aqueles que se rendem à noite, a vol-

ta da Lua é sinal estrelado; para aqueles que anseiam o dia, o retorno do Sol é renovação constante. Uma carta esperada, um telefonema interrompido, o *inbox* tão aguardado, uma mensagem no celular que lhe traga a resposta idealizada. E por que não citar o sim que pode mudar vidas; quando se pergunta “quer casar comigo?” ou ainda “por que não fica mais um pouco?”, retornos diversos podem transformar destinos e promover futuros inimagináveis, indescritíveis.

Talvez os retornos devam ser, finalmente, como palavras de um texto, palavras que, ao serem lidas, momentaneamente podem até ser esquecidas, no entanto, no instante incerto e apropriado, elas retornarão solenes, como caminhos que guiam os passos, como as mãos que terminam os laços.



Torre

Por Vinícius Souza Almeida Santos

CULT

Aos pés da torre, eu observo
Navegar seu olhar por terras longínquas
À procura daquele que sejas, que sintas,
Reinante cavaleiro, ajoelhado seu servo.

Aos pés da torre, eu permaneço
Com olhar de espada de face triunfante,
De lâmina quebrada, um triste amante,
Que se vê abatido nesta dor que pereço.

Aos pés da torre, eu admiro
A princesa das nuvens que toca o céu
Que esconde teus traços, tua tez de mel,
E que marca meus passos a cada suspiro.

Aos pés da torre, eu me percebo
Afastado da bela que há tanto guardo,
Velando seu sono nas horas que marco,
Selando meu sonho, sonhando um desejo.

Aos pés da torre já não estou
Cavalgarei nas linhas do teu horizonte
Precipícios infindos, derradeiros, sem pontes
Onde ressoa seu verso que em mim deixou.

Cairei tal qual a luz de uma estrela,
O alto da torre já será ilusão,
Em lágrimas puras, colhidas do chão,
Pintarei seu rosto para sempre tê-la.

CURTO CIRCUITO

Para aqueles que não sabiam: Foi aprovada em 2012 pela COD-Elétrica uma resolução na qual se diz que só será permitida a realização da Prova Substitutiva mediante justificativa, atestado médico/óbito, etc. Mero detalhe: o atestado médico deve ser validado em hospital público (vide HU). Vocês, leitores, concordam com isso? Mande a sua opinião para o nosso e-mail (jornalcondutor@gmail.com).

SEMOP 2012

A HORA DE MAIS UMA DECISÃO

Segundo semestre, cerca de um mês após o início das aulas... Agora um pouco mais acostumados com a rotina nada tranquila aqui na engenharia elétrica, os alunos do segundo ano estão prestes a se deparar com mais um momento tenso de sua jornada política: a escolha da habilitação, que se dará no mês de novembro. Felizmente, vocês estão na Engenharia Elétrica, e dispõe de um dos únicos centros acadêmicos que organiza, já há 12 anos, um evento dedicado especialmente a você, bixo, para te auxiliar nessa complicada escolha: a SEMOP (Semana das Opções).

A Semana das Opções é um evento já tradicional na elétrica. O seu objetivo principal é esclarecer da melhor forma possível as características mais importantes das 6 possibilidades de escolha de habilitação existentes na Grande Área Elétrica: Energia e Automação, Telecomunicações, Sistemas Eletrônicos, Automação e Controle, Computação Semestral e Computação Quadrimestral. Vale lembrar que todos sairemos da Poli com diploma de Engenheiros Eletricistas, e que a possibilidade (e probabilidade) de trabalharmos com temas de outras áreas da engenharia elétrica diferentes daquela que estudamos como habilitação é muito grande. Porém, é muito importante que cada um faça agora uma escolha consciente, pois, afinal, vocês passarão os próximos 4 anos estudando mais a fundo a habilitação que escolherem.

A SEMOP consiste em um ciclo de apresentações dos departamentos. As palestras ocorrerão nos horários de almoço, e serão compostas, cada uma, em um conjunto de 4 palestras: uma com um professor discursando sobre a habilitação, uma com um aluno recém-formado, discutindo sobre o mercado de trabalho e as experiências pós-Poli, uma com um aluno ainda em graduação, falando sobre sua atual experiência na área, e a última com uma empresa da área, expondo uma visão de como atua profissionalmente o engenheiro especializado naquela área. Além do ciclo de palestras, o CEE elabora uma revista com informações mais detalhadas, para aqueles que não puderam comparecer a todas as palestras e para aqueles ávidos por informação.

Em suma: fiquem ligados e não percam essa grande oportunidade que o CEE oferece a vocês. Aguardem mais informações sobre a SEMOP nas próximas semanas, seja por e-mail ou através de cartazes. Sempre que quiserem alguma informação ou tiverem alguma dúvida, não se acanhem: estamos aqui no CEE prontos para atendê-los!

SEMOP 2012

Local: Anfiteatro da Elétrica

Horário: 11:00 às 13:00

Data: de 01/10 a 05/10

I SOLANTE

Por Yves Barbosa

